

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS: UMA DISCUSSÃO FEITA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS PELO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS – ENSINO MÉDIO

Inglid Teixeira da Silva*
Ana Coêlho Vieira Selva**

Resumo

No Brasil, a discussão sobre educação financeira foi impulsionada pela Estratégia Nacional de Educação Financeira, que propôs o Programa de Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio. Em Pernambuco, implantou-se educação financeira em 89 escolas públicas de Ensino Médio em 2015. Neste artigo, apresentamos a análise de rodas de conversas com professores e alunos de duas escolas. Alunos e professores consideraram válida a proposta de educação financeira a partir do material sugerido para as escolas. Destacaram a estreita relação entre educação financeira e Matemática, ressaltando o uso de conhecimentos matemáticos para a realização das atividades propostas. Apontaram ainda para a necessidade de formação do professor para atuar com educação financeira nas escolas.

Palavras-chave: Educação financeira. Educação Matemática crítica. Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A educação financeira escolar no Brasil vem sendo amplamente discutida nos dias atuais. Essa discussão foi, em parte, impulsionada pela Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que conta com participação de órgãos públicos e privados. A ENEF foi instituída em 2010, através do Decreto nº 7.397 do governo federal. Uma das propostas da ENEF é oferecer educação financeira a crianças, jovens e adultos através de várias ações, por exemplo, portais de internet, palestras, publicações, seminários, reuniões, entre outros. Para isso, propõem programas para adultos, crianças e jovens. Entre estes programas, analisaremos o voltado para jovens do Ensino Médio, foco do presente artigo.

No Programa de Educação Financeira nas escolas do Ensino Médio, a Educação Financeira é tratada de forma transversal através de situações didáticas, propostas em três livros especialmente planejados para o trabalho em escolas de Ensino Médio. Além desses, ainda foram preparados livros para os professores e cadernos de exercícios

* Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professora da educação básica. E-mail: inglidteixeira@yahoo.com.br

** Doutorado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professora do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: anaselva@globo.com

para os alunos, sendo todo o material distribuído pelo Ministério da Educação (MEC) para escolas da rede pública. Os objetivos descritos para esse grupo são:

- (i) construir um pensamento financeiro sólido,
- e (ii) desenvolver comportamentos autônomos e saudáveis, permitindo que eles sejam os protagonistas de sua própria história, com total capacidade de decidir e planejar para o que eles querem para si mesmos, suas famílias e os grupos sociais aos quais pertencem (BRASIL, 2013, p. 12).

O Programa de Educação Financeira – Ensino Médio está sendo implementado em escolas de todo o país. Em Pernambuco, este programa foi implantado em 2015, atendendo inicialmente a 89 escolas que estão inseridas no Programa de Ensino Médio Inovador – ProEMI. Em 2015 e 2016, 25 (vinte e cinco) técnicos educacionais atuaram como multiplicadores envolvendo todas as Gerências Regionais de Ensino (GREs), coordenando o trabalho com 85 (oitenta e cinco) coordenadores pedagógicos e 356 (trezentos e cinquenta e seis) professores. O programa atendeu a cerca de 38.659 (trinta e oito mil, seiscentos e cinquenta e nove) alunos da rede estadual de ensino. Surge a necessidade de compreender como esse trabalho foi desenvolvido, o que nos dará subsídios para avaliar melhor as dificuldades e contribuições dele, tanto do ponto de vista de implementação como da formação do professor e do estudante.

Este artigo traz os resultados encontrados a partir de rodas de conversa feitas com professores e alunos em duas escolas sobre a implantação do programa, verificando possíveis relações dele com o currículo escolar, especialmente com a Matemática.

1. EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Compreende-se que as questões econômicas fazem parte do dia a dia da população. É comum

passarmos por situações de compras e vendas em nosso cotidiano e que nos fazem constantemente tomar decisões que podem, de modo geral, influenciar nossas vidas. Assim, compreender questões acerca da economia e suas implicações em nossas vidas torna-se fundamental para auxiliar no processo de tomada de decisões.

Defende-se que, para além das questões pragmáticas, a educação financeira nas escolas precisa estar fundamentada de forma a colaborar para práticas mais reflexivas. Entende-se por educação financeira escolar:

um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem (SILVA; POWELL, 2013, p. 12-13).

No que diz respeito à Matemática, percebe-se uma forte ligação desta com a educação financeira, pois a Matemática pode ser usada, de forma geral, para resolver diversas questões que envolvem a temática. Da mesma forma, a educação financeira pode colaborar para a compreensão de conceitos matemáticos, tendo em vista que traz diversos contextos que favorecem e dão significado à mobilização de conhecimentos matemáticos. Assim, acredita-se que trabalhar conceitos matemáticos através da educação financeira e vice-versa pode servir para disseminar práticas interdisciplinares e auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

Trabalhar educação financeira a partir da Educação Matemática crítica pode ser um caminho possível para formar cidadãos mais críticos em relação a questões econômicas, bem como aptos a tomar decisões mais conscientes.

O movimento de Educação Matemática crítica “se preocupa fundamentalmente com aspectos políticos da Educação Matemática” (SKOVSMOSE, 2001, p. 7), além disso, defende-se a ideia de que “para ser crítica

precisa reagir a contradições sociais” (SKOVSMOSE, 2001, p. 101). Ou seja, a Educação Matemática crítica se preocupa não apenas com o domínio dos conteúdos matemáticos e suas aplicações, mas também com a maneira como a Matemática pode interferir de forma positiva ou não nos modelos sociais que são impostos pela sociedade.

Skovsmose (2001) defende a ideia de se desenvolver nos alunos uma competência democrática que seria “uma característica socialmente desenvolvida da competência que as pessoas a serem governadas devem possuir, de modo que possam ser capazes de julgar os atos das pessoas encarregadas de governar” (SKOVSMOSE, 2001, p. 56). Nesse contexto, a Educação Matemática crítica torna-se fundamental para discutir essas questões, pois sugere um ensino de Matemática que, através da contextualização, conteste a sociedade em sua organização política, econômica e social.

No contexto econômico, acredita-se que um dos fatores que mais influencia os processos de consumo é a globalização. Assim, defende-se a ideia de que, no processo de globalização, além de conhecer os modelos matemáticos que permeiam a economia, é necessário refletir sobre eles para poder questionar as decisões tomadas pelos governos e que consequentemente afetam a vida dos indivíduos, da sociedade da qual fazemos parte e também do planeta no qual vivemos.

Nesse sentido, para além de questões pessoais, como saber poupar, investir, lidar com créditos, entre outros, acreditamos que a educação financeira precisa discutir questões mais profundas, como o que está por trás dos processos de produção e consumo e que envolvem toda a sociedade. Portanto, “a Educação Matemática ocupa-se também da preparação para o consumo, e podemos refletir sobre a responde-habilidade social” (SKOVSMOSE, 2014, p. 110), ou seja, é preciso sentir-se responsável e agir sobre situações que envolvem os fatores sociais, bem como precisamos compreender os

ideais econômicos que existem por trás dos conteúdos matemáticos no qual estão inseridos.

Compreende-se que trabalhar educação financeira nas aulas de Matemática, na perspectiva da Educação Matemática crítica, pode colaborar para o desenvolvimento de cidadãos mais críticos e conscientes frente a situações que envolvem finanças, refletindo também sobre as consequências dos processos de produção, compras e vendas em um mundo globalizado como o nosso.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foram realizadas rodas de conversa com professores e estudantes de duas escolas que desenvolveram o Programa de Educação Financeira durante o ano de 2016. As escolas eram da jurisdição da Gerência Regional de Ensino Vale do Capibaribe, em Pernambuco, mas de municípios diferentes, uma localizada em Bom Jardim (Escola A) e outra em Frei Miguelinho (Escola B). A participação de professores e alunos nas rodas de diálogo se deu de forma voluntária.

Na Escola A, cinco alunos se propuseram a conversar sobre o programa. Nessa escola, o trabalho com educação financeira, a partir do material proposto pelo Programa de Educação Financeira – Ensino Médio, foi realizado por quatro professores. Dois professores não participaram da conversa, um estava de licença médica e outro estava ausente da escola naquele dia. Assim, conversamos com cinco alunos e duas professoras da escola, sendo as conversas com alunos e professores realizadas de forma separada.

Na Escola B, apenas uma professora trabalhou com o programa, e ela, por sua vez, a nosso pedido, convidou uma aluna de uma das turmas para conversarmos. Foi solicitado maior número de alunos, entretanto, em função do término do horário de aula, os demais já haviam saído da escola. Nessa escola, em

função do pouco tempo disponível da professora e da estudante, foi realizada uma roda de conversa conjunta.

Das três professoras que participaram das rodas de conversa, duas lecionavam Empreendedorismo (uma da Escola A e uma da Escola B) e uma era responsável por coordenar a biblioteca (Escola A). Uma tinha formação em Letras, uma em Geografia e uma em Ciências Sociais. Vale dizer que a orientação para uso do material da ENEF não definia um formato único ou uma única disciplina. A orientação da ENEF, adotada pela Secretaria de Educação do Estado, era que a educação financeira fosse trabalhada de forma transversal, sendo possível em qualquer componente curricular, com professores de qualquer formação acadêmica. O material proposto servia como subsídio aos professores e estudantes.

Este artigo não tem a intenção de comparar os dados obtidos na Escola A e na Escola B, mas sim analisar a implantação do programa em duas escolas da rede estadual verificando os desdobramentos e as dificuldades, de forma que os dados das diferentes escolas foram tratados conjuntamente. Considerando que, na Escola B, professora e aluna conversaram juntas sobre o programa, também não separamos o grupo de professores do grupo de alunos, mas nomeamos as falas de cada um. Denominaremos A1... A6 os alunos participantes das rodas de conversa e P1, P2 e P3, os professores.

A análise das rodas de conversa foi baseada em Bardin (2009). As categorias, subcategorias e inferências que se pôde fazer a partir delas são mostradas a seguir.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise foi abordada a partir das seguintes categorias: 1. **Relevância do programa**, 2. **Relações do programa com o currículo escolar** e o 3. **Processo de implementação do programa nas escolas**.

Analisaremos inicialmente a relevância do programa. Nas falas de alunos e professores,

observaram-se aspectos que determinavam a relevância de se ter nas escolas um programa de educação financeira. Esses aspectos foram organizados em cinco categorias: **relações com a família, controle de gastos, planejamento para o futuro, ampliação da visão de mundo e tomada de decisão**.

As **relações com a família** foram evidenciadas nas falas dos participantes que refletiram que o trabalho com o programa propiciou uma mudança no orçamento familiar, colaborou para uma melhor estabilidade financeira das famílias, bem como possibilitou uma melhor compreensão da situação financeira familiar. Dos nove participantes, sete afirmaram que o programa colaborou neste sentido. A fala, a seguir, exemplifica essa categoria:

O orçamento familiar muda muito quando você chega, assim... Se seu pai, se sua mãe... Eu sou da zona rural, não teve aquele, aquela formação, não sabem lidar com contas, então ajuda muito você chegar e dizer: não pai, não mãe! Se você poupar tanto, lá na frente se você precisar já vai ter garantido, ou se deixar uma coisa desnecessária que naquele momento não seria tão interessante de comprar, você já vai poupar muita coisa... (A6)

Nota-se que esta aluna acima passou a opinar nas contas da casa e a colaborar para uma melhor estabilidade financeira no âmbito familiar. Além disso, ela revela ser do campo, o que nos mostra que o programa, a depender da abordagem feita pelo professor, pode atender a diversas realidades existentes nas escolas brasileiras.

Para seis participantes, o programa pode colaborar para o **controle de gastos** e isso contribuiu para a compra de objetos desejados, como retrata a seguinte fala:

Se eu quero comprar algo, eu já vou economizar naquilo que eu já vejo que não tem necessidade de gastar, como lanche na escola mesmo. Às vezes eu trazia dinheiro e aí... Não, não quero lanche da escola não, mas hoje não... Hoje eu já lancho o da escola pra guardar o meu dinheiro porque se eu precisar de alguma coisa ou de um material, ou enfim... Essas coisas. (A3)

A fala da aluna acima indica que a educação financeira como proposta na escola, incluindo o material didático usado, vem fortalecer a ideia de economizar para comprar algo maior e/ou desejado. Nesse sentido, é necessário que, ao tratar do **controle de gastos**, que se considera algo relevante a ser abordado nas escolas a partir da educação financeira, entenda-se a importância de refletir junto com os alunos questões relativas ao que de fato é um bem necessário no momento atual da vida, ao consumo excessivo e a como este pode influenciar na vida em particular, como em possíveis dívidas e os impactos ambientais referentes ao descarte de materiais, poluição, entre outros.

Dois estudantes indicaram ainda que o hábito do **controle de gastos** passou a ser vivenciado também na escola. Eles afirmaram que, através do trabalho com educação financeira, passaram a ter uma melhor visão da gestão econômica da escola, tendo os alunos um cuidado maior com o gasto de energia, por exemplo: “Na escola mesmo foi sendo melhor trabalhado isso, como administrar todo esse processo econômico da escola” (A1).

As falas de cinco participantes indicaram que o trabalho com o programa nas escolas pode colaborar com o planejamento para o futuro, ou seja, pode colaborar com o vislumbre de um futuro melhor, seja através da obtenção de trabalho, abertura do próprio negócio ou do ingresso no Ensino Superior, como pode ser observado nas falas: “Agora [após o trabalho com o programa] a gente tá assim. Eu, por exemplo, eu quero escolher uma área tipo economia, ciências contábeis, tô entre essas duas aí” (A2) e “A gente trabalhando [com educação financeira] no Ensino Médio, a gente passa a desenvolver uma concepção que nos auxiliaria para um dia termos uma empresa, desenvolvermos um trabalho” (A5).

Pela fala de A2, observa-se que o trabalho com o programa trouxe conhecimentos importantes sobre algumas áreas nem sempre muito abordadas na escola. Para A5, estimulou pensar sobre novas possibilidades profes-

sionais, como a abertura do próprio negócio. Nota-se que o trabalho com o programa pode impulsionar o pensar no futuro, nas várias vertentes que essa discussão pode proporcionar no que diz respeito à educação financeira, contribuindo para o estudante refletir sobre questões econômicas e as possibilidades de empreendedorismo.

Outro aspecto relevante demonstrado pelos participantes foi a **ampliação da visão de mundo**, que consiste no esclarecimento de questões referentes a finanças e como estas podem influenciar a vida em sociedade. Esse aspecto foi apontado por cinco participantes, como mostra a fala a seguir: “É um conhecimento a mais que o aluno tem, né? Não só aquele conhecimento de sala de aula, daquelas matérias que a gente já conhece, é relacionado à economia, é um conhecimento, assim, mais de mundo...” (A4).

A fala de A4 reflete os conhecimentos adquiridos através do trabalho com a educação financeira que transcendem aqueles vistos em sala de aula, favorecendo a compreensão das relações econômicas do mundo. Refletimos que conhecer e estar atento às questões econômicas que envolvem a sociedade é fator importante no desenvolvimento de cidadãos mais críticos frente a situações que envolvem finanças, mas é preciso que as discussões que envolvem a economia do país e do mundo sejam feitas de forma aberta, fortalecendo a pluralidade de visões.

Três participantes afirmaram ainda que o trabalho com o Programa de Educação Financeira pode auxiliar no processo de **tomada de decisão**. A partir de tal trabalho, eles passaram a considerar algumas questões no momento de realizar uma compra ou tomar decisões referentes à sua vida financeira, como afirma A3: “Eu mesmo também não tinha noção de gasto de dinheiro, todo dinheiro que me desse eu gastava tudo, e hoje não... Hoje eu já faço os meus cálculos, eu já me baseio naquilo que eu quero...” (A3).

A fala da aluna acima revela que ela passou a refletir sobre os gastos realizados e a possibilidade de

poupar para alcançar outros objetivos. Outro aspecto que pôde ser observado durante a conversa com alunos e professores que trabalharam com o programa foi a relação que o material pode fazer com o currículo escolar. Este aspecto é explicitado a seguir.

As relações do programa com o currículo serão discutidas a partir das relações com a Matemática e das relações com outras disciplinas.

Todos os participantes entrevistados indicaram que o programa traz **relações com a Matemática**, como mostram as seguintes falas: “Ele trabalha muito com Matemática...” (A3) e “Eu acho o material muito assim, tá intimamente ligado com Matemática” (P3).

Sobre os conteúdos trabalhados, seis participantes indicaram eixos e/ou conteúdos matemáticos articulados ao trabalho com o material: porcentagem (citada por três participantes), operações aritméticas (três participantes citaram), juros (dois participantes citaram), probabilidade (um participante citou), estatística (um participante citou) e Matemática Financeira (um participante citou). Desses conteúdos citados, operações aritméticas, porcentagem, juros e questões relativas à estatística foram também identificados em nossa análise no material didático do aluno; assim, esses parecem ser conteúdos mais marcantes durante o trabalho com o programa.

Relembramos que nenhum dos três professores participantes das rodas de conversa têm formação em Matemática ou lecionam esta disciplina, de forma que eles mencionaram ainda que, em alguns casos, ao trabalhar com o material de educação financeira proposto, é necessário o auxílio de professores de Matemática, como indica o seguinte trecho: “Sempre que precisa a gente pede ajuda também ao professor de Matemática” (P3).

A fala acima sugere que, para os participantes das rodas de conversa, há uma maior relação do programa com a Matemática do que com as outras disciplinas, sendo ela indicada por todos os participantes

como necessária no trabalho com o programa. Seis participantes conseguiram identificar conteúdos matemáticos que foram trabalhados no Programa de Educação Financeira, o que pode sugerir que as relações existentes entre a educação financeira e a Matemática foram mais evidentes do que da educação financeira com outras disciplinas. Este dado é relevante porque a proposta de educação financeira para as escolas não define, nem prioriza, a Matemática como componente curricular preponderante. Outro aspecto relevante apontado pelos professores participantes foi a necessidade de articulação deles com os professores de Matemática, fortalecendo práticas interdisciplinares.

As **relações com outras disciplinas** relatadas pelos professores e alunos referem-se às disciplinas que não a Matemática, sendo estas do currículo comum ou não, como também a integração que o programa pode fazer com os aspectos extraescolares. No geral, cinco participantes apontaram para a relação com outras disciplinas e, destes, três indicaram a relação com disciplinas do currículo comum, como mostra a seguinte fala: “A gente pode relacionar matérias como a Física, a Química, a Matemática; em relação a isso, tá sendo uma prática bem legal” (A3).

Apesar de três participantes indicarem a relação com outras disciplinas do currículo comum além da Matemática, apenas A3 citou em quais disciplinas existiria essa relação, como mostrado acima. Para a Química não foi dado nenhum exemplo da relação, mas para a Física o participante afirmou que: “Trabalhou nas aulas de educação financeira a questão da eletricidade, essas coisas, energia...”.

Foram poucos os participantes que fizeram a relação do programa com outras disciplinas do currículo comum que não a Matemática. Isso pode ser decorrente do fato de o programa não ter sido trabalhado intencionalmente articulado a outras disciplinas. Assim, ainda que o Programa de Educação Financeira

não priorize a Matemática, os relatos de professores e estudantes mostram a grande articulação da educação financeira com os conhecimentos matemáticos.

Sobre o processo de implementação, os participantes refletiram sobre **a forma como o programa está sendo trabalhado nas escolas**, o material didático e as dificuldades enfrentadas durante o trabalho com o programa. Esses pontos são apresentados e exemplificados a seguir.

A forma como o programa está sendo trabalhado nas escolas participantes atualmente é: principalmente, sendo ensinado na disciplina de empreendedorismo. Isso é revelado seguintes falas: “A gente trabalhou... principalmente nas aulas de empreendedorismo” (A3) e “Eu trabalho na disciplina de empreendedorismo com eles...” (P3).

Nota-se que as escolas participantes optaram por trabalhar o programa inserido em uma disciplina específica, muitas vezes sem articular com as demais disciplinas. Isso pode acontecer por falta de informação nas orientações do programa e no próprio material didático, como foi observado em Silva (2017), que não há uma preparação dos professores para um trabalho interdisciplinar, como também pela falta de formação que possa auxiliar os professores no desenvolvimento da interdisciplinaridade nas escolas.

A falta de orientação para o professor no trabalho com o programa é ilustrada na seguinte fala: “No ano passado chegou o material de educação financeira e a gente trabalhava por série, então o bloco 3 com o terceiro ano, o bloco 2 com o segundo ano e o bloco 1 com o primeiro ano. Mas, aí esse ano a gente tá trabalhando com os temas, então tá misturando o material” (P3).

O trecho acima revela que, inicialmente, o material foi trabalhado de forma que o número do bloco correspondesse com cada ano escolar, contrastando com a orientação do programa que anuncia que qualquer livro pode ser usado em qualquer ano. Esta

forma de atuar é bem coerente com a maioria dos materiais didáticos que apresentam livros numerados especificamente, destinados a cada ano escolar. Assim, reforçamos a necessidade de formação do professor para atuar com o Programa de Educação Financeira, de forma a conhecer as particularidades do material que vai utilizar e também saber como desenvolver a interdisciplinaridade, potencializando a importância das discussões sobre educação financeira.

Dentre os trabalhos desenvolvidos durante o programa com os alunos, uma das professoras indicou a confecção de portfólios e entrevistas, como mostra a seguinte fala: “A gente fez mais assim, pesquisas, eles foram pra rua, eles entrevistaram, eles fizeram levantamentos em casa, nas famílias... Não em todas as turmas, em algumas turmas, outras turmas foi mais um trabalho diferenciado, confecção de portfólio de gastos, de despesas” (P2).

A fala acima expõe alguns dos trabalhos realizados com o programa. Como já mencionado, alguns alunos ressaltaram que práticas discutidas a partir do material proposto sobre educação financeira foram vivenciadas na escola e também em suas famílias, o que é muito valoroso, sendo um ponto muito positivo do desenvolvimento do programa na escola. Além disso, P2 reflete sobre a realização de entrevistas feitas pelos alunos em suas casas e na comunidade em que vivem, sugerindo que o trabalho com o programa pode servir para aproximar a escola da vida cotidiana dos alunos.

Para todos os participantes das rodas de conversa, trabalhar com o programa em conjunto com outras disciplinas pode ser melhor que de forma separada, como é feito atualmente. Eles apontam que: “Seria até melhor porque a gente só tem uma aula de empreendedorismo e tem que se virar porque tem o material que é de empreendedorismo e tem a educação financeira, aí é muito corrido...” (A6) e que “... de certa forma tá associada a todas as outras, né? Pode ser trabalhada de forma interdisciplinar ...” (P3).

A6 revela que um trabalho interdisciplinar pode proporcionar o desenvolvimento de mais questões que envolvam a educação financeira, já P3 aponta para a relação que há entre as disciplinas e a educação financeira, podendo o trabalho, assim, ser desenvolvido de forma interdisciplinar. Estas falas reforçam a importância de se resgatar a interdisciplinaridade preconizada pelo programa, mas ainda não vivenciada de forma adequada nas escolas.

Sobre o **material proposto** para o trabalho com o programa, todos os participantes afirmaram ser um bom material, além de apresentar uma linguagem simples. Três participantes indicaram ainda que o material apresenta forte relação com o cotidiano, como pode ser visto na seguinte fala:

Nas turmas que eu trabalho com esse tema, eles gostam bastante do material, é um material bem assim, é interessante de se estudar, de se trabalhar, são coisas do dia a dia, são conteúdos relacionados ao dia a dia deles, da realidade da escola, da família e é um conteúdo bem interessante. O material é bem rico nesse sentido de proporcionar essa contextualização com a realidade deles (P3).

Como mencionado anteriormente, o material didático é importante ferramenta no trabalho com o programa nas escolas, tendo em vista que a formação realizada com os técnicos se apoiou exclusivamente no uso desse material, sendo esta a formação também designada para ser realizada com professores, além de um curso *online*. Pelas falas dos participantes, observa-se que o material apresenta uma linguagem de fácil compreensão e pode fazer ligação com a realidade dos alunos, colaborando para o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Dentre as **dificuldades apresentadas** para desenvolver o Programa de Educação Financeira, os professores entrevistados apontaram para a falta de tempo, necessidade de mudanças no currículo escolar, que em alguns casos não atende à realidade dos alunos, e a falta de material suficiente para todos os alunos.

A falta de tempo pedagógico para conhecer melhor o material proposto foi evidenciada por dois professores, como revela a fala de P2: “O problema é que falta tempo pra explorar o material... Ele [o professor] tinha que conhecer o material e ver, entendeu? E a gente não tem tempo...” (P2).

Sobre as mudanças no currículo, dois professores apontaram que é necessário obter uma maior abertura para que possa se desvincular dos conteúdos programados para cada ano, tendo em vista que são muitas as questões a serem abordadas, como mostra P1: “... e haja espaço pra se desvincular do bendito conteúdo que a gente é obrigado a dar...” (P1).

A falta de tempo pedagógico para discutir novas temáticas foi a principal dificuldade apresentada pelos professores para desenvolver o Programa de Educação Financeira. Um professor apontou ainda que o programa não atende à realidade de estudantes da escola pública, de áreas carentes, pois as questões colocadas no programa não atingem a realidade dos mesmos. Esse aspecto foi levantado no seguinte trecho: “Eu acho que o tema pode não ser muito importante pra nossa realidade, pro mundo da gente... Alguns estudantes da gente... Porque tem uns que são tão carentes que eles não têm o que economizar...” (P2).

No trecho acima, é possível notar que mais uma vez a educação financeira é atrelada apenas ao controle de gastos ou de receitas. Assim, de acordo com o participante, se os alunos não têm dinheiro, torna-se sem sentido oferecer educação financeira. Como já foi mencionado, acreditamos que as questões que envolvem a educação financeira na escola precisam estar além do educar para poupar, e percebemos que há um potencial para se refletir sobre outros aspectos, como a desigualdade social, consumo atrelado à preservação do meio ambiente, a tomada de decisão, por exemplo, contribuindo para a formação cidadã.

Um dos professores revelou ainda que a falta de material didático para todos os alunos atrapalha um pouco a aula, afirmando que:

Uma coisa que às vezes dificulta um pouco é porque esse material, ele não veio pra escola em quantidade suficiente pra todos os alunos. Então sempre que eu preciso utilizar, levo pra sala de aula. A gente usa no decorrer da aula e devolve na biblioteca. Ele não tem assim, não chegou um livro de cada bloco pra cada aluno. (P3).

Como a distribuição do material foi diretamente do MEC para as escolas, não tivemos informação dos critérios usados para definir a quantidade de livros por escola, mas pela fala acima se verifica a importância de o professor receber orientações sobre como o material deve ser trabalhado, se individual, em duplas ou em grupos.

De forma geral, percebe-se que as principais dificuldades apontadas pelos professores poderiam ser amenizadas se houvessem mais formações com eles que evidenciassem as características e potencialidades de trabalhar com educação financeira na escola nas diversas áreas de conhecimento. Acredita-se que, desta forma, os professores poderiam entender melhor a importância da educação financeira, suas potencialidades e seus desafios, podendo então usar melhor o material proposto na construção do conhecimento dos estudantes ou mesmo desenvolver novos materiais.

Conversar com professores e alunos que trabalharam com o Programa de Educação Financeira nas escolas foi de grande importância para compreender a forma como o programa vem sendo desenvolvido e os desafios que se apresentam, tanto na perspectiva dos estudantes como dos professores e das escolas. Ao mesmo tempo, permitiu perceber quais as mensagens de educação financeira que têm ficado de forma mais forte para os alunos que participaram das rodas de conversa.

Apesar de ambas as escolas trabalharem com o programa em uma disciplina apenas, observou-se nas falas dos professores e alunos que o trabalho com o material

proposto possibilitou a integração entre alunos e família, alunos e professores, professor e professor, escola e comunidade escolar. Ou seja, a forma como a educação financeira vem sendo tratada no material proposto pôde facilitar o diálogo entre os participantes de toda a comunidade escolar. Assim, se trabalhada de forma interdisciplinar, esses laços podem ser ainda mais fortalecidos.

As dificuldades apresentadas pelos professores participantes das rodas de conversa indicam a urgência de se oferecer formação em Educação Financeira e, especificamente, com o material didático proposto para o Ensino Médio. Porém, mesmo com as dificuldades apresentadas, pode-se dizer que o trabalho desenvolvido nessas escolas trouxe bons resultados para os alunos, indicando a relevância e as possibilidades da educação financeira nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados indicam que alunos e professores consideram que a educação financeira deve ser abordada nas escolas. Não se verifica, no entanto, um formato único de abordagem, sendo necessário aprofundar a análise das diferentes formas de se trabalhar com educação financeira nas escolas, se aliada a uma única disciplina ou de forma transversal, como também analisar os materiais que vêm sendo desenvolvidos para as escolas.

Na opinião de professores e alunos, o material proposto pela ENEF/MEC para o trabalho com educação financeira no Ensino Médio foi considerado bom; entretanto, os professores apontaram para a necessidade de aproximá-lo mais da realidade da maioria dos alunos.

É importante que a falta de recursos não seja vista como impedimento para se trabalhar educação financeira e que economizar não seja o ponto central. É necessário que o material de fato provoque reflexões ao estudante sobre as relações sociais, econômicas e

financeiras e sobre o papel do indivíduo na sociedade. Não se pode negar o fato de que, em alguns casos, ter um controle de gastos pode favorecer o desenvolvimento pessoal, mas esse não pode ser o ponto principal quando o assunto é educação financeira. É necessário que as propostas de educação financeira tragam uma abordagem crítica e que favoreçam o desenvolvimento de cidadãos mais autônomos. A escola não pode apenas preparar cidadãos para a economia, e sim tornar os cidadãos aptos a refletirem sobre a situação econômica e a tomarem a decisão que consideram ser a mais saudável.

Considerando as relações da educação financeira com a Matemática, professores e alunos afirmaram a necessidade de uso de conceitos matemáticos, como porcentagem e juros, para resolverem situações propostas nos materiais para o Programa de Educação Financeira. Isto foi visto pelos alunos como uma oportunidade de contextualizar a Matemática, mas os professores que ministraram o programa enfatizaram a necessidade de trabalhar tais questões junto com o professor de Matemática. Este fato sugere que a educação financeira pode contribuir para dar sentido a conceitos matemáticos e que, por sua vez, a Matemática é uma ferramenta útil para tratar diversas situações propostas nos materiais de educação financeira. Sugere, também, que se deve investir na formação do profissional que está trabalhando com educação financeira na escola, de modo que ele se sinta seguro para abordar o material proposto.

Em síntese, professores e alunos avaliaram positivamente o trabalho com educação financeira realizado nas escolas investigadas, ressaltando a estreita relação da educação financeira com a Matemática e as possibilidades advindas dessa articulação, tanto para a contextualização dos conhecimentos matemáticos como para o desenvolvimento de reflexões críticas sobre finanças e economia na sociedade.

FINANCIAL EDUCATION IN SCHOOLS: A DISCUSSION MADE FROM EXPERIENCES EXPERIENCED BY THE FINANCIAL EDUCATION PROGRAM IN SCHOOLS - HIGH SCHOOL

Abstract

In Brazil, the discussion on financial education in schools was driven by the National Financial Education Strategy, which proposed the Financial Education Program in Schools - High School. In Pernambuco, financial education was implemented in 89 public high schools in 2015. In this article, we present the analysis of the conversation among teachers and students of two schools. Students and teachers considered the proposal of financial education valid from the material proposed for schools. They emphasized the close relationship between financial education and mathematics, highlighting the use of mathematical knowledge to carry out the proposed activities. They also pointed to the need for teacher training to work with financial education in schools.

Keywords: Financial Education. Critical mathematics education. High School.

EDUCACIÓN FINANCIERA EN LAS ESCUELAS: UNA DISCUSIÓN HECHA A PARTIR DE EXPERIENCIAS VIVENCIADAS POR EL PROGRAMA DE EDUCACIÓN FINANCIERA EN LAS ESCUELAS - ENSEÑANZA MEDIA

Resumen

En Brasil, la discusión sobre la educación financiera fue impulsada por la Estrategia

Nacional de Educação Financeira que propôs o Programa de Educação Financeira nas Escolas - Ensino Médio. Em Pernambuco, foi implantada a educação financeira em 89 escolas públicas de ensino médio em 2015. Neste artigo, apresentamos a análise de rodas de conversação com professores e alunos de duas escolas. Alunos e professores consideraram válida a proposta de educação financeira a partir do material proposto para as escolas. Destacaram a estreita relação entre educação financeira e matemática, ressaltando o uso de conhecimentos matemáticos para a realização das atividades propostas. Sublinharam a necessidade de formação do professor para atuar com educação financeira nas escolas.

Palavras chave: Educação Financeira. Educação matemática crítica. Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

BRASIL Estratégia Nacional de Educação Financeira. *Brasil: Implementando a estratégia nacional de educação financeira*. [S. l.]. 2013. Disponível em: http://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf> Acesso em: 24 out. 2015.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 11, Curitiba - PR *Anais...* Curitiba, PR, PUCPR, 2013.

SKOVSMOSE, Ole. *Educação matemática crítica: a questão da democracia*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SKOVSMOSE, Ole. *Um convite à educação matemática crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2014.

Enviado em 18 de maio de 2018.

Aprovado em 9 de julho de 2018.